

De 1918, ano vital na I Guerra Mundial, a 2018: Centenários a evocar nos Açores



Por: Sérgio Rezendes

Doutor em História Insular e Atlântica (séculos XV – XX)

“[...] Relembrar os que caíram em combate na I Guerra Mundial, homenagear os que sobreviveram e fazer votos para que a tragédia nunca mais se repita. (...) À décima primeira hora, do décimo primeiro dia, do décimo primeiro mês (...) as armas silenciaram-se na frente ocidental da Europa (...). Embora seja difícil quantificar o número total de vítimas, estima-se que morreram na primeira Grande Guerra nove milhões de militares e sete milhões de civis. [...]” <http://pt.euronews.com/>

Desde o início da Grande Guerra (1914-1918) que o conflito, tido inicialmente como longínquo e continental, preocupa os comandantes militares nas ilhas. Informados pelos jomais ou pelo cabo telegráfico, os militares desde cedo tiveram conhecimento das ações de força alemãs, em ilhas ou áreas da Entente com características similares às dos Açores. Preocupava-os o evidente conhecimento que os beligerantes tinham dos portos e costas das ilhas, bem como a incapacidade militar para as defender, independentemente do material, recursos humanos ou financeiros. Em finais de 1914 seria esboçada uma tímida tentativa de mobilização militar, rapidamente travada por falta de fundos, de quartéis, de equipamentos e acima de tudo pela passagem da mão-de-obra dos campos para os quartéis, mudando-a de produtora para consumidora. O Ministério da Guerra não previa o envio de tropas expedicionárias para as ilhas, sendo o pouco material capaz, desviado para outros fins com a declaração de Guerra. Colocando-se o camponês no quartel, agravava-se o ganha-pão das famílias sobrecarregando-se os limitadíssimos orçamentos das unidades militares.

Com a apreensão das embarcações alemãs surtas nos portos de Ponta Delgada e Horta, colocava-se a questão das suas tripulações. Com a declaração de guerra passariam a estar concentradas com os restantes alemães, em idade militar, nos campos de prisioneiros, três inicialmente nas principais ilhas, acompanhados pela Cruz Vermelha Portuguesa. Seriam reunidos no forte de São João Batista na ilha Terceira no verão de 1916, atingindo as sete centenas de detidos (para além das famílias) em 1917, recebendo-se prisioneiros oriundos de todo o império português.

O ataque à cidade do Funchal em dezembro de 1916 traria à ribalta todos os receios apresentados ao Ministério da Guerra desde 1914: as ilhas eram alvos muito apetecíveis à marinha alemã e não se encontravam devidamente defendidas apesar do parco, antiquado, de transição ou canalizado material de artilharia, entretanto recebido. Tentando encontrar o equilíbrio entre a capacidade dos velhos quartéis, as necessidades de alimentação pública, o material de aquartelamento e as dotações orçamentais, seriam mobilizadas as classes militares necessárias ao efetivo máximo, que num regimento de infantaria equivaleria às 1.200 armas (teoricamente). Com a proteção inglesa afastada das águas açorianas, seria este o enquadramento do bombardeamento e combate naval do *U-155* com a cidade de Ponta Delgada, valendo então o apoio do carvoeiro americano *USS Orion*.

Decorridos poucos dias após o afastamento da unidade alemã, na baía do porto de Ponta Delgada estabelecer-se-ia de forma informal a 1.ª Divisão naval da US Navy, lançando o desconforto entre as autoridades locais, apesar de reconhecidas. Oficializada a



Contando apenas no apoio do Exército Português, desde 2010 que o autor tem realizado um investimento pessoal na promoção científica da História dos Açores no continente, hoje trazendo essa comunidade científica ao arquipélago.

oito de novembro de 1917, dar-se-ia a sua renovação e o desembarque de um contingente de 150 fuzileiros, e diverso material, nomeadamente duas peças de artilharia de costa e hidroaviões, que reforçariam o patrulhamento aéreo de navios e submarinos. A necessidade de resolver em tempo útil todos os problemas nas ilhas e o preceito em se equiparar o comando português ao do almirantado americano, fariam Sidónio Pais nomear um alto-comissário da República para os Açores, o general Simas Machado, militar experiente oriundo dos campos do norte de França, para assumir o poder civil e militar (1918), assessorado por um comandante da defesa marítima, reticente à causa americana. Entretanto a escassez de produtos tornava-se uma constante, exportando-se bens de primeira necessidade como cereais e carne para a República em detrimento dos locais, quando na realidade outras ilhas como Santa Maria não o conseguiram fazer, por incapacidade de comunicações marítimas. A guerra submarina afastara as embarcações indefesas, originando a subida dos preços dos fretes e dos seguros de guerra, originando a carestia de bens fulcrais como os fósforos, os tecidos ou a moeda miúda. A autoridade militar seria chamada a intervir em questões como as requisições ou rateio nas exportações, procurando evitar as mortes por fome. Tabelaavam-se os géneros e perseguiram-se os açambarcadores. No mar, derrotas, mesmo que honrosas, atestavam a vulnerabilidade dos mares açorianos, apesar de patrulhados pelos americanos. O seu apoio acabaria por ser precioso na importação de produtos como as farinhas, no apoio inter-ilhas, no controlo da ordem pública e na luta contra a gripe *Espanhola*, que só em São Miguel vitimaria 2.000 pessoas em poucas semanas (outubro de 1918). O Armistício encontraria as nove ilhas com pequenos destacamentos militares fortemente empenhados na manutenção da ordem pública, na defesa das ilhas maiores e no combate ao vírus *Influenza*. Terminado o conflito, ocorreria uma rápida desmobilização das tropas e uma paciente espera pelos tratados de paz, por parte dos prisioneiros alemães, que passariam a conviver com os terceirenses num regime misto que lhes traria alguns dissabores, aliás como aconteceria a nível internacional.

O ano de 1918 foi assim um ano capítular para a Guerra, ao nível internacional, nacional e regional. Ano da República Nova, teria em Sidónio Pais o principal interlocutor dentro e fora do país, por sua vez inserido num contexto muito específico da História do Século XX. Militar e académico de formação

científica, Sidónio Pais morreu a 14 de dezembro de 1918, assassinado em Lisboa. Com uma carreira política republicana em que ocuparia sucessivamente os cargos de deputado, senador, ministro e embaixador, regressaria a Portugal quando já se adivinhava a Primeira Guerra Mundial. Seria colocado no poder pela conspiração que instaurou a “República Nova” (1917-18), chefiando uma confederação de republicanos descontentes, monárquicos, clericais e anti-guerristas. Legitimou a presidência com recurso a eleições, exercendo um poder misto de autoritarismo e populismo. O seu homicídio deixou o país em grande instabilidade política, económica e social, quando recuperava do rude golpe do influenza A, a infame “gripe” do século XX que matou pelo menos 40 milhões de pessoas, e aguardava o regresso dos soldados portugueses, traumatizados, mutilados e mortos nos campos da Flandres, Angola e Moçambique.

A esta realidade, os Açores não eram estranhos. A evocação do primeiro voo nos Açores a 16 de fevereiro marcou o ponto de partida para um conjunto de eventos a desenvolver ao longo do ano mas que irão atingir particular importância no mês de novembro de 2018. A semelhança do mês de fevereiro, pretende-se dar a conhecer à sociedade e à comunidade escolar, pelo menos outros cinco centenários que envolvem os Açores e a Grande Guerra, nomeadamente a 26 de março, a criação do Alto - Comissário da República para os Açores; a 5 de julho, o Milagre do Sol em Água de Pau com Nossa Senhora e a Sagrada família; a 19 de setembro, o surto de gripe espanhola/vírus influenza; a 14 de outubro, o combate do “Augusto de Castilho” e o “U-139” e a 11 de novembro, o Armistício, ou seja, o fim do conflito e o regresso à Paz.

Contudo, e como a História não é compartimentada, praticamente todos os meses entre fevereiro e novembro realizar-se-ão eventos evocativos, neste momento em planeamento com múltiplos parceiros que se associam às efemérides, destacando-se a Câmara Municipal de Ponta Delgada e o Museu Militar dos Açores. A dimensão Açores é atingida não só pelas temáticas mas também pelas sinergias com outras câmaras, assim como escolas, das diferentes ilhas, caso da Câmara Municipal da Horta e de Vila do Porto, numa forma de pensar e trabalhar, verdadeiramente arquipelágica.

A poucos dias do término do mês de fevereiro, saliento o evento para o mês de março, ou seja, a montagem dos trinta e três painéis das exposições

de 4 julho de 2017, “Ponta Delgada na I Guerra Mundial - no Centenário de todas as Mudanças”, nas escolas secundárias Antero de Quental, seguindo-se a Domingos Rebelo e o Colégio do Castanheiro. Não só serão acompanhadas por palestras, como eventualmente Cinema de Arquivo, cumprindo-se um outro desígnio com que foi planeada, o de ter uma segunda vida tornando-se itinerante, percorrendo as escolas que a solicitem à entidade promotora, ou seja a Câmara Municipal de Ponta Delgada. Desta forma, não só se leva o conhecimento da História dos Açores às gerações mais novas, como se demonstra respeito pelo Erário Público, aproveitando-a para o futuro, uma vez que serão acompanhadas de brochura trilingue, se necessário, mantendo-se o espírito original: aproximar pela cultura, os povos há cem anos separados pela Guerra. Da mesma forma, e nesse mês, será dado a conhecer a importante figura do Alto-Comissário da República para os Açores, o General Simas Machado, umas das duas mais altas entidades do arquipélago durante o século XX, com amplos poderes civis e militares.

O mês de abril irá corrigir uma profunda injustiça na cidade, ao colocar (ou repor) as placas toponímicas na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, uma das mais emblemáticas ruas de Ponta Delgada em 1918, e uma das poucas nacionais com semelhante homenagem. Transformada numa pequena ruela com o aterro de finais dos anos de 1940, e consecutiva construção da avenida litoral nos anos de 1950, aguarda a confirmação para uma cerimónia com a Câmara Municipal de Ponta Delgada a 9 de abril, cem anos depois da Batalha de La Lys, homenageando todos aqueles que tombaram pela pátria, naquela que seria a maior batalha do Exército Português na I Guerra Mundial. Esta evocação, é também um ponto de partida para que num futuro próximo, se restaure algum do brilho desta particular rua da nossa cidade.

Em junho, e pelas comemorações dos 25 anos do Museu Militar dos Açores, será inaugurada dia 30, no forte de São Brás, uma exposição intitulada “Da República Nova à Gripe Espanhola: o Armistício e os Açores”. Centrada no ano de 1918, a exposição seguirá a lógica subsequente às exposições de julho de 2017, antevendo-se novamente uma segunda vida como exposição itinerante junto das escolas ou instituições que a solicitem.



No âmbito do Centenário da I Guerra Mundial, e enquanto investigador do Instituto de História Contemporânea, tem vindo a se posicionar e valorizar os Açores entre a comunidade científica internacional, dentro e fora do arquipélago.



Enquanto investigador de uma realidade arquipelágica, são criadas sinergias para divulgar a História dos Açores muito além da ilha de São Miguel, contando com o apoio de instituições locais, nomeadamente museus e câmaras municipais como a de Angra do Heroísmo e Praia da Vitória.



O lançamento de obras a nível nacional, e nas principais cidades das ilhas, com a chancela do Centro Republica, têm contribuído para aumentar o conhecimento dos Açorianos sobre a sua terra e dos continentais sobre especificidades próprias às ilhas, caso da I Guerra Mundial.



O contato com as escolas é uma constante, reforçando o relevante papel dos docentes na transmissão de conteúdos sobre a História dos Açores, neste caso na Secundária das Laranjeiras.



Exposições como a evocativa do bombardeamento de Ponta Delgada, agora itinerantes, não só marcam o verão de 2017 como circulam pelas escolas que as queiram receber, numa feliz visão da Câmara Municipal de Ponta Delgada.

MEMÓRIAS
 A memória é um fenómeno complexo, que envolve a percepção, a aprendizagem, o armazenamento e a recuperação de informações. É um processo contínuo e dinâmico, que se modifica ao longo da vida. A memória desempenha um papel fundamental na nossa existência, permitindo-nos aprender com o passado e preparar-nos para o futuro. No contexto da história, a memória é essencial para a preservação e transmissão do conhecimento sobre os acontecimentos do passado.



A sucessão de eventos durante o mês de julho de 2017 foi premiada pela menção na nossa cidade na revista "Oceanica" n.º 4, da Unesco (setembro de 2017).

Em julho, embora com destaque desde 18 de junho, será evocado o aparecimento de Nossa Senhora no Monte Santo em Água de Pau, na sua terceira aparição, com a Sagrada Família no que ficaria conhecido como o "Milagre do Sol". Com esta Memória, independentemente da crença ou religião, pretende-se lembrar que no difícil contexto da I República, e do grande sacrifício dos militares portugueses no Norte da Europa, Angola e Moçambique, os Açores também são parte de um conjunto nacional de aparições da Mãe de Cristo durante este período. Assunto da "rés pública", esperemos que a edilidade própria não

deixe passar a data em claro, a bem da Memória e Identidade dos Açorianos.

Ainda na primeira metade desse mês, terá abertura a primeira parte do seminário internacional "Da República Nova à Gripe Espanhola: o Armistício e os Açores", na cidade da Horta, ilha do Faial. Com a chancela do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, entidade coordenadora também da exposição de julho passado, este encontro visa analisar o último ano da I Guerra Mundial com particular ênfase para os Açores, na sua relação com o Atlântico, beligerância, crise económica, comunicações e portos atlânticos, a que se junta a política nacional e internacional seja por intermédio do Sidonismo, presença americana ou passagem de Franklin Delano Roosevelt pelo arquipélago. Aberto a todos os assuntos já aqui abordados, o evento terá uma segunda parte em Ponta Delgada, entre 15 e 17 de novembro de 2018, no Museu Militar dos Açores, atraindo especialistas de outras áreas que não só a bélica, abordando a questão higiénico-sanitária, o estudo de traumas de guerra ou as ciências morfofuncionais/engenharia biomédica, bem como o ativismo feminino, também com ecos nos Açores. Desta forma, a comissão organizadora apela ao envio de propostas que aborden, mas não se limitem, às seguintes temáticas: dimensão marítima, aérea e terrestre do envolvimento dos Açores na I Guerra Mundial; a guerra naval e submarina; o Atlântico e as telecomunicações durante a Grande Guerra; as ligações marítimas na Guerra das Trincheiras ou nas colónias; o Sidonismo e o Alto-Comissário da República para os Açores; a Guerra e os Serviços de Saúde: condições de salubridade e a Gripe Espanhola; o Armistício e o regresso à normalidade e a Emancipação Feminina.

Ultrapassado o mês de agosto, tradicionalmente um mês de férias, em setembro serão relembradas as questões de salubridade pública e a gripe "espanhola", o maior surto viral do século XX, provavelmente responsável por um número maior de vítimas que o próprio conflito. Se em Lisboa, faziam-se filas à entrada dos cemitérios, em Ponta Delgada dizia-se já não haver quem fizesse caixões. Havendo uma exposição criada para o efeito, espera-se que o seu

efeito deixe efetivamente uma marca em todos os que a visitarem.

Outubro marcará o centenário do que para muitos é o maior combate da Marinha portuguesa no século XX, protagonizado pelo comandante José Botelho de Carvalho Aratijo e a guarnição do "Augusto de Castilho" contra o "U-139", na defesa do vapor São Miguel. Sabendo-se existir um projeto específico para o efeito, os alunos do Colégio do Castanheiro entre os de outras escolas, serão chamados a participar em exposições, aliando-se a disciplina de História à das Artes. Este será também o mês estimado para o lançamento de uma, de duas obras, pela Caleidoscópio: "O Depósito de Concentrados Alemães na Ilha Terceira - A História de uma reclusão forçada (1916-1919)". Podendo haver a possibilidade da exposição montada no Museu de Angra do Heroísmo em 2016, intitulada "Depósito de Concentrados Alemães na Ilha Terceira" estar patente num dos mais importantes órgãos de soberania nacional, servirá de mote a que esta obra completa, e orientada para um público internacional, seja apresentada na sua inauguração.

Novembro, marcará o ponto alto das efemérides, com uma cerimónia internacional às 11 horas do dia 11, dia do Armistício, evocando a Memória de todos os soldados, de todas as guerras, que tombaram pela sua Pátria. Apoiada pela Câmara Municipal de Ponta Delgada, Comando Operacional dos Açores e para já, alguns consulados nos Açores, pretende-se homenagear todas as nações que há cem anos fizeram acontecer o Armistício. Projeto em execução com o objetivo de dignificar a História e a Memória nos Açores, junta-se assim o arquipélago ao movimento internacional do Centenário do Armistício. Para tal, todos os eventos são do conhecimento da Comissão Coordenadora das Evocações do Centenário da I Guerra Mundial, que não só os apoia como contribui na projeção do arquipélago a nível nacional desde 2014.

Entre 15 e 17 de novembro de 2018, decorrerá a II parte do seminário internacional "Da República Nova à Gripe Espanhola: o Armistício e os Açores" agora com a chancela do Museu Militar dos Açores e Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, entidade coordenadora tam-

bém da exposição de junho. Por fim, e a encerrar o ciclo de eventos, também à semelhança de julho de 2017, será efetuado em finais de novembro um Concerto pela Paz, pela Banda da Zona Militar dos Açores, Paz apenas possível pelo Armistício que basicamente permitiria um complexo interregno até 1939.

Apresentadas as intenções para dignificar a História dos Açores no centenário do Armistício da Grande Guerra, espera-se efetivamente dar a conhecer não só aos locais como aos que nos visitam, uma efetiva diferença em relação a quem nos visita, não só justificativa da Autonomia de 1895 como pela efetivamente diferença de um povo, que assumindo as mesmas premissas, as condições geográficas, históricas e culturais, é simultaneamente isolamento e centro da Civilização Ocidental.



O logótipo preparado por Francisco Carreiro e Martim Cymbrom para Ponta Delgada em 2017 e 2018, demonstram o empenho de vários particulares na participação e divulgação de uma Cultura e Identidade que nos é própria, numa Civilização Ocidental cada vez mais homogénea.



A execução de projetos nacionais como os Cadetes do Mar e da Defesa junto da comunidade escolar do arquipélago, salvaguarda a transmissão da História dos Açores e confere empenhamento às novas gerações, em parceria com as Forças Armadas nas ilhas.



A colaboração de embaixadas estrangeiras como a Alemã e a Americana, a que se aliam forças armadas estrangeiras, é um claro reconhecimento internacional da qualidade e especificidade da História dos Açores.